

LITERATURA DE ESQUERDA

DAMIÁN TABAROVSKY



LITERATURA DE ESQUERDA

DAMIÁN TABAROVSKY

TRADUÇÃO

Ciro Lubliner e Tiago Cfer



O escritor sem público 7

A crise de dentro 37

Efeitos abstratos 51


Estava surfando quando uma onda me engoliu 67

Perder o juízo 89

Índice remissivo 109

Sobre o autor 113

O ESCRITOR SEM PÚBLICO



Certa vez perguntaram a Alejandra Pizarnik por que nunca havia escrito um romance, ao que ela respondeu: “Porque em todo romance sempre há um diálogo como este: – Oi, como vai? Quer uma xícara de café com leite?”

É curioso, pois, afinal, Pizarnik acabou escrevendo narrativa, e além disso, segundo soube depois, a frase é apócrifa. Dá no mesmo. Retomo a ideia do café com leite: por que seria verossímil que Pizarnik tivesse dito essa frase? Seria porque encarnava a típica poeta que desconfia da prosa? Seria somente uma *boutade*¹? Expressava, por denegação, sua própria incapacidade para o romance? Seria porque simplesmente não lhe agradava o café com leite? Todas as hipóteses são consistentes e deviam ser levadas em conta na hora de decifrar o enigma. Gostaria, entretanto, de adiantar outra possibilidade: quem sabe essa frase – supostamente pronunciada por uma poeta que enfim se lançou à prosa – revele algo sobre certo estado do romance contemporâneo: época em que a prosa começa a

¹ Expressão no francês que significa um pensamento ou dito sutil que desarma e dispensa o meramente factual, a Verdade. [N. dos T.]

abrir concessões à linguagem, tempo em que o romance faz da concessão sua norma.

Ao mesmo tempo contemporânea tardia do *nouveau roman* e do descobrimento na Europa ocidental de Gombrowicz, Pizarnik é sobretudo testemunha do surrealismo pós-guerra – de sua conversão em múmia –, do realismo mágico e do êxito de Cortázar. Isto é, do momento em que a vanguarda se cristaliza, se converte em literatura banal, do momento de sua *divulgação linguística*, da perda de sua potência expressiva. Momento em que a literatura deixa de se expressar como dúvida e se escreve como certeza (é paradoxal, mas a vanguarda, que à primeira vista surge afirmativa, programática e prescritiva, como uma cadeia de certezas, é, na verdade, um *tatear no escuro*, um zigue-zague, um perambular sempre precário, uma verdade sempre em processo de abandono, enquanto a poesia de Pizarnik, que se apresenta como uma proeza da dúvida, da indecisão e da precariedade, como a extrema unção do dogma, expressa na realidade o último coquetismo de *Sur* e *La Nación* mesclado às verdades *kitsch* do preceito romântico em sua versão “menina dos anos 1960”).

Volto ao tema, se é que ele existe. Esse estado de mediocridade expressiva da narrativa, que nos anos 1960 supostamente aterrorizava Pizarnik, hoje adquire um caráter não apenas literário como também cultural. O que apavorava Pizarnik poderia definir-se sob um rótulo de política literária: o café com leite como verdade última da narrativa. Mas, fora da literatura, em outra parte, havia um estado da cultura que dissimulava esse fracasso literário. Não penso em cair eu também na mitificação sem fim que se abate sobre os anos 1960, muito menos no desejo homogeneizador que suprime as tensões e antagonismos

desses anos (que supõe que o Guevarismo, o Di Tella e Tato Bores pertencem à mesma episteme), mas sem dúvida *algo aconteceu* nesse ínterim. O que acontecia talvez tenha a ver com isto: a primazia da cultura sobre a literatura. Se lermos hoje qualquer um desses livros, digamos *O jogo da amarelinha*, para citar o coração desse tempo, se o lermos hoje desprovidos da couraça cultural que então o protegia, o que sobra? Tão só o vazio e a nostalgia dessa couraça. O que *salvava* o texto não acontecia na literatura, mas no bar La Paz, e a frase de Pizarnik, em sua infelicidade, parece dar conta desse estado de coisas. E, no entanto, o fracasso, a derrota ou a extinção dessa couraça cultural, a *desaparição* dos anos 1960, não implicou nenhuma revisão literária, nenhuma mudança profunda nos rumos centrais da narrativa. Testemunhamos, hoje, a mesma política literária do café com leite, agravada pela ausência do clima cultural de então. Se nos anos 1960 a cultura dominava a literatura com tanta facilidade, não era devido à sua riqueza, mas ao sabor pasteurizado que havia atingido a narrativa. Se hoje cultura e literatura se equilibram em sua insignificância, é porque a pasteurização engloba as duas.

Faço um salto no percurso que vai dos anos 1960 à atualidade – ainda que seja um percurso bastante conhecido e até óbvio, não pretendo descrever passo a passo como se chegou a essa situação. Interessa-me, ao contrário, assinalar alguns aspectos da situação da literatura nestes tempos (sempre me agradaram os livros com títulos como *Literatura alemã de hoje*, ou *Atualidade da literatura*, pois essa atualidade rapidamente envelhecia e o título tornava-se anacrônico. Mas o interessante é quando, ainda que o título tenha envelhecido, o livro mantém sua potência: o momento em que o autor acertou na descrição